

COESÃO

Do trabalho fecundo da organização, do esforço sincero—pensamento ou acção—dos seus militantes, é que poderá criar-se ambiente para a materialização das ideias que lhes servem de base e guia, na luta constante em que andam empenhados.

Há um formidável trabalho a realizar. Ele só pode executar-se, porém, desde que todos concebam intimamente esta necessidade. Esse trabalho é de conjunto e tem de ser iniciado simultaneamente.

A organização operária portuguesa necessita fortalecer-se. As suas células precisam ser lubrificadas, para que o empenhamento constante desapareça, dando lugar ao movimento normal, um pouco acelerado, para ganhar o tempo perdido.

Trabalho fragmentado poderá, em relação ao que é preciso fazer, representar um grande esforço, mas os resultados custam a observar.

Atravessa-se uma situação especial, que pode ser encarada sob vários aspectos.

Que cada um se compenetre da sua missão perante o actual estado de coisas e se esforce por modificá-lo.

Cada gesto, qualquer movimento, tendente ao robustecimento da organização, representa um bom acto e a diminuição do mal que uma estagnação nos provoca.

Essa missão está naturalmente indicada à C. G. T.

Desde que a organização de todo o país desperte e canalize as suas energias à central operária, ela saberá conjugar e orientar esse movimento, de forças espirituais e materiais, ao objectivo anseado.

O que é evidente, o que não pode sofrer a mínima contestação, é a rápida formação dessa acção, capaz de trazer à classe operária a sua coesão.

Que a consciência da organização se imponha perante o desmoronar da sociedade capitalista, nos tremendos escândalos que cada vez mais a abalam e que não de acabar por estatelá-la, completamente desmoralizada no seio da multidão.

E que cada organismo correspondente com entusiasmo ao movimento de solidariedade e acção que a C. G. T. se dispõe a realizar por todo o país e o proletariado português demonstrará um profundo espírito de visão e uma grande consciência.

“A GARÇONNE”

foi inopinadamente proibida pela autoridade

Anteontem, um bando de meninos católicos, alguns de duvidoso sexo, chefiados ao que parece pelo filho do chefe católico Lino Neto, foram ao Teatro da Trindade perturbar o sossego dos espectadores que, pacatamente, e ao abrigo das leis do país, estavam assistindo à representação de “A Garçonnette”.

O público indignou-se contra esses seres, cuja abjeção se mede pelo ridículo e cujo ridículo corre paralelo com a sua impertinência e a sua imoralidade, e escorregaram. Os meninos quiseram reagir, mas vieram parar, por energia e louável decisão, ao meio da rua, onde soltaram uns ganidos por onde revelaram não pertencer à nossa espécie.

A autoridade, ontem, inopinadamente, proibiu a representação da “Garçonnette”. A ideia de que ela proibiu “A Garçonnette” porque “A Garçonnette” ofendia a chamada moral pública, que pouco ou nada tem que ver com a única e verdadeira moral humana, não é admissível, visto que a autoridade assistiu impassível, durante dias, às representações daquela peça, sancionando-a largamente com a sua presença depois de a ter consentido com a sua licença.

“A Garçonnette” já foi vista por milhares de pessoas—e toda a cidade pela boca delas saberá que a proibição, embora agrade aos cretinos das “Novidades” e aos jesuítas de “A Época”, não foi orientada pelos ditames da justiça nem por aquele sentimento que fazia cólar as meninas da Baixa perante as chufas dos peralvilhos que vão, dominicamente, à missa.

Não temos o dever de defender o prestígio da autoridade, nem nesta questão isso nos interessa. Queremos apenas acentuar que ela ofendeu o espírito de justiça e o anseio de liberdade da população para ser agradável a uns biltres bem vestidos que pretendem, à viva força, ver na “Garçonnette” as Monicas Leibier que proliferaram nas suas famílias.

Lêdo o Suplemento de A BATALHA

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudoos, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira,—na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

MAU E PERIGOSO

Carlos Pereira, responsável do inquinamento das águas, quer a glorificação do seu crime

Carlos Pereira é o prototipo do arlequim mau e perigoso. Em todos os quadrantes políticos, na mesma linguagem insossa e ôca, tem vindo à praça pública dizer que a água falta na cidade porque o Alviela não possui a necessária, sendo por isso conveniente fazer-se a captação de outras nascentes que só um novo contrato, com o agravamento do preço da água, autoriza.

Como a ladainha do arlequim não tivesse o condão de convencer o público, visto que já provámos que a água falta porque Carlos Pereira quer, pois fornece-a por rações, surge agora um novo processo de que já ontem nos fizemos eco. Trata-se, nem mais nem menos, da declaração feita por Carlos Pereira na Associação Comercial de que a água, embora tratada nos reservatórios, depois de percorrer as canalizações de Lisboa, está inquinada.

A quem cabe a culpa? Explica Carlos Pereira que a responsabilidade não lhe cabe, mas ao estado em que se encontram as canalizações visto que há muito tempo que deveriam ser reparadas o que não sucedeu ainda por falta de condições monetárias da Companhia.

Carlos Pereira bate aqui o “record” da ousadia. Para provocar o aumento do preço das águas, foi para uma refinação de “forças vivas” denunciar o perigo em que todos estávamos metidos, perigo, aliás, já do nosso conhecimento.

De água inquinada há muito tempo que se abastece a população de Lisboa. Há muitos anos que Carlos Pereira é o principal agente da febre tifóide. De larga data que o director da Companhia das Águas alimenta os pavilhões do Hospital do Rêgo.

Uma esmagadora percentagem de tifóides encontram-se no mal na água que ingeriram—nessa água que Carlos Pereira nos for-

nece e tão potável que ele só a bebe fervida. A sua memória deveria erguer-se um monumento que tivesse como legenda esta trágica síntese: *a Carlos Pereira, bacilo aquático da população alfacinha.*

O caso é demasiado grave para ironias. O ditador das águas, pela primeira vez na sua vida, disse uma grande verdade que vale pelo melhor aviso ao público: *as águas estão inquinadas! Bebe-las é aceitar voluntariamente a admissão no hospital do Rêgo.*

Carlos Pereira disse esta trágica verdade, não para acautelar o povo ou evitar a propagação do perigo. Proclamou-a para arrancar o consentimento do aumento do preço das águas e com ele fazer as obras que evitem o inquinamento.

Sem receio da contestação desse arlequim ousamos afirmar que Carlos Pereira, no momento em que há prenúncios de uma epidemia, veio denunciar um perigo para amedrontar os incautos e conseguir os seus fôrvos desígnios.

O inquinamento das águas é de há muito tempo de sua responsabilidade. A população tem sido vítima deste bacilo, muito mais perigoso do que o de Herbet e o de Kock. Para estes já há agentes terapêuticos ao seu combater. Mas para aquele, se os há, eles são tão pouco eficazes que não se notam.

Nós sabemos porque o arlequim Carlos Pereira veio agora ao tablado com a nova das águas inquinadas. É que o Município tem dito em público que vai rescindir o contrato com a Companhia das Águas, o mesmo que dizer que Carlos Pereira vai levar um pontapé no trazeiro.

Porisso ele agarra-se a esta táboa de salvação como os naufragos à primeira palhinha que aparece à tona de água.

SINDICALISMO E ANARQUISMO

AS IDEAS E O SINDICALISMO

Existem muitos sindicalismos que servem muitas ideias e existem também sindicalistas que não deixam de chamar-se revolucionários e não aceitam que dentro dos sindicatos se levantem e mantenham os postulados das ideias. Os sindicalistas neutros e absurdos—negar-se a pensar é um absurdo—dizem que as ideias são a causa da decadência do sindicalismo, desse sindicalismo que eles forjaram e serviria a ideia de não ter nenhuma.

Estaremos de acordo com estes sindicalistas se deixam *ipso facto* de chamar-se revolucionários, mas, de contrário, temos que criticá-los e discutí-los, pois que não podemos admitir, nem tolerar, que os sindicatos vão para a revolução sem nenhuma ideia, já que sempre foram as ideias o dinamismo e o crisol de todas as revoluções. Diz-se: sindicalista revolucionário, aspirar à total abolição da burguesia, lutar por um regime de igualdade económica, defender o princípio de que os meios de produção que hoje detém o capitalismo, não de passar a ser postos ao serviço da colectividade produtora, pugnar, enfim, pela liberdade económica dos trabalhadores extirpando a escravidão e o ignominioso salário e pretendem que esse sindicalismo não necessita das ideias, dessas ideias que engendram e alimentam a revolução, é absurdo e só se pode compreender em homens que desconhecem a trajectória deste mesmo sindicalismo revolucionário que eles fazem ser por o desconhecerem, pois que do contrário resultaria ser a maior contradição daquilo que eles mesmo defendem.

Um sindicalismo acéfalo, sem ideias, já-mais existiu, nem existirá, admitamos, isso sim, que esses sindicalismos conservadores e nacionalistas estejam insuflados de umas ideias que não são lógicas não podem tomar-se a sério, porém, temos que atacá-los rosgosamente pois que são a incarnação do regime imperante, e servem, não obstante, o ideal de colaboração e o reformismo.

Queremos, ao falar de sindicalismo, referir-nos somente ao nosso, a este que activamos e revolucionário e é tomado como propriedade por alguns sindicalistas contrários às ideias, digamos claro, às ideias anarquistas.

Nós sabemos que o sindicalismo é um meio transitório de luta que desaparecerá com a desigualdade de classes e que não admite nem o Estado, nem a Ditadura.

Luta no terreno económico e não intervem na política de governar os povos, desprezando por ineficaz e contra-revolucionário o sufrágio universal que é a última fábula empregada para enganar os bobos da democracia liberal e da direita conservadora. —Parlamento existe na França republicana e na monarquia Inglaterra.

Resulta consequentemente que esse sindicalismo que em Espanha é encarnado na C. N. do T. e em Portugal na C. G. T. tem ideias e além de ideias, finalidades que são toda a doutrina económica de uma ideia, que não se satisfaz com o sindicalismo, mas que não deixam de o defender e é por elas que ainda existe.

Afirmamos que sem a ideia anarquista o sindicalismo revolucionário não pode existir, não tem razão de existir, e que, quando os operários anarquistas deixam de lutar dentro destes sindicatos, todo o seu espírito revolucionário desaparece e então os sindicalistas revolucionários, que hoje acusam as ideias da decadência do sindicalismo, já não existirão, e em todo o caso, continuarão sendo sindicalistas, mas terão já deixado de chamar-se ou pretender ser revolucionários, pois que sem a influência anarquista os sindicatos voltarão a garupa à revolução e seguirão as plácidas veredas

do reformismo, negando até a luta de classes e a acção directa.

E então sim, se pode admitir um sindicalismo sem ideias e sem poderes de reconstrução igualitária.

Três ideias sustentam o movimento operário que nós temos de tomar em consideração e só uma salvaguarda os valores orgânicos do sindicalismo. A sindical de Amsterdam é uma dependência dos partidos socialistas governantes na Europa, a I. S. V. é a cumplice da ditadura na Rússia e as duas juntas são negadoras do sindicalismo, pois que servem para a colaboração e o reformismo, usando o sufrágio universal e negando a acção directa.

As correntes do sindicalismo revolucionário, que estão em oposição aberta com o reformismo e a luta eleitoral, são encarnadas pela A. I. T. de Berlim e é só esse movimento operário o genuíno representante do sindicalismo que tende à revolução por meio da acção directa e da luta económica dos trabalhadores.

Mas, não o devemos esquecer, a A. I. T. tem o alto orgulho de representar o sindicalismo anti-autoritário e encaminhar-se para o comunismo libertário, que é em definitivo a expressão concreta do sindicalismo defensor das ideias de Igualdade e Liberdade.

R. MAGRIÑA

Notas & Comentários

Uma pergunta

Não se sai deste dilema: a imprensa ou tem uma vida desonesta ou arrasta uma existência plena de dificuldades e de sacrifícios. Por razões que estão no espírito de todos os leitores e que por isso resolvemos não expor, ela atravessa neste momento uma crise que pode ser de gravíssimas consequências.

A existência de jornais—e bem raros são—que não vivem de expedientes ou da defesa de empresas capitalistas de exploração pública está até gravemente comprometida.

Como não fazemos a injúria de acreditar que a vida do Portugal seja desonesta de-sejávamos saber como consegue levar existência desafiada a ponto de lhe permitir ser distribuído gratuitamente pela cidade de quando em vez.

Agradecemos-lhe que ele nos ensinasse a receita—*a fim de a aplicar-mos a suprimir as dificuldades de ordem financeira com que lutamos.*

Fonte maldita

A União Operária Católica, instituição recentemente fundada e composta por um número diminuído de sócios, acaba de adquirir, para sua sede, o teatro Sousa Bastos, de Coimbra.

Onde foi esta associação buscar o dinheiro para adquirir o citado teatro? De certo que não foi do produto da coligação que deve ser insuficiente para o custeio do expediente e da luz eléctrica.

Sabendo-se que a União Operária Católica se fundou exclusivamente para afastar os operários dos seus sindicatos e para inculcar nêles a resignação máxima aos seus exploradores e a obediência completa aos padres não é difícil responder à pergunta que acima formulamos. E não é difícil também concluir que a fonte daquele dinheiro é maldita—maldita porque é roubada à miséria dos trabalhadores e à superstição dos crentes.

A MORAL E A IMPRENSA

Vivemos uma época singularmente regressiva. Toda a intolância dos tempos em que as cidades se iluminavam a azeite em nichos elevados a Santa Genoveva ressuscitou. Andam pelas ruas, à solta—inteiramente à solta—criaturas com opiniões impressas há cinco séculos e condenadas há três sem que se apercebam, devido à sua estupidez ou à sua fatuidade, do ridículo em que incorrem. Se hoje aparecesse um indivíduo com a indumentária da idade média o menos que lhe podia acontecer era desafiar as risadas do que o vissem e arrastar, atrás de si, bandos de garotos rufando em latas e fazendo-lhe surras.

Pois se é ridículo ter-se desse século a indumentária não o será também possuir-se-lhe as ideias? Não o pensamos assim uns efeméridos reaccionários que são pela monarquia e pelos pastelinhos de nata da Benard, que se atrevem com uma coragem discutível e uma estupidez indiscutível a defender medidas repressivas contra a imprensa, a fim de evitar que ela se converta numa instituição imoral!

Moralizar a imprensa—é a ideia que habita a estreiteza cerebral de muito beduíno que por aí anda vestida à europeia.

É difícil em primeiro lugar encontrar uma definição de moral e mais difícil ainda indicar, concretamente, uma regra de conduta fora da qual toda a atitude, todo o artigo, toda a palavra é imoral. É moral, por exemplo, um jornal divergir dos actos do governo, afirmando que deles resultam graves consequências para o país. As pessoas afectas a esse governo replicarão, sem uma hesitação, que a atitude desses jornais e não os actos do governo é que prejudicam o país por lançarem no espírito colectivo a desconfiança que pode perturbar a ordem pública e chamar-se revolta.

Preguntem agora aos adversários dos actos desse governo, isto é, aqueles que estão sinceramente convencidos de que eles prejudicam a colectividade, se a atitude do jornal que se coaduna com a moral consiste em atacá-los ou em defendê-los. Sem uma hesitação eles replicarão que um jornal que aplaude um governo trai o país.

Acontece ainda que o ódio à imprensa, as acusações contra a imprensa são dirigidas especialmente contra os jornais da oposição. Se

tódia a imprensa fôsse escrava dos governos, se os lisongeasse, elogiando-os sem medida e aplaudindo-os com delírio, a maior parte dos ódios contra a imprensa nunca existiriam.

Até os próprios católicos, que tendo o começo de votar à imprensa uma guerra de ferocíssimo extermínio se curvaram diante dela, frementes de admiração e de entusiasmo, quando apareceram jornais louvando Deus e queimando pelo Papa incenso, oiro e mirra.

... E afinal, em via de regra—as excepções não contam visto que sem elas não poderia haver uma única regra—a imprensa de oposição é a mais honesta, a mais nobre, a mais desassombrada... e a mais pobre!

E ela que prepara o futuro—o futuro que outrora se construiu em barricadas românticas e sangrentas. É ela que ilumina a consciência dos povos, que orienta as grandes correntes de ideias, que flagela todas as iniquidades e que anuncia aos amantes da verdade, aos partidários da liberdade, aos defensores da justiça a vinda duma era nova, prometedora, que dará aos homens dias melhores—a decantada idade de ouro do género humano.

E a imprensa que defende a ordem de coisas estabelecida? É dessa símbolo marcante o eterico jornal governamental e o jornal governamental é um deplorável caso de mentira oficial, de ridícula assexualidade e de triste e vil servilismo. No jornal governamental pode publicar-se tudo—tudo menos a verdade, tudo menos a justiça, a justiça e a verdade que sejam contrárias à razão de Estado—e a história está cheia de crimes praticados em nome da razão de Estado.

O jornal governamental tem o dever de calar-se quando a verdade embarce o governo; de negar a justiça quando o governo fora dela se coloca. Ninguém o abre, ninguém o folheia nem o consulta, sem um gesto de enfado, sem um bocejo de tédio. Toda a gente sabe de antemão que ele defende... o governo.

Vão à história da imprensa. Ninguém a lê que não extraia dela esta grandiosa verdade: a história da imprensa é a história dos jornais da oposição. A outra imprensa existe nela marcada com um ferrete de ignomínia. Existe nela para que as gerações saibam, através das idades, que essa imprensa pediu sempre a supressão... da verdadeira imprensa.

O PROBLEMA FERROVIÁRIO

A palpitante questão do arrendamento

As razões apresentadas em sua defesa

O seu aspecto social :: :: :: ::

Este é um dos assuntos a que toda a imprensa está dedicando grande atenção. Entrocacham-se variados critérios na defesa de interesses particulares, e um ou outro jornal, excepcionalmente, é que o coloca sob pontos de vista mais acéfalos, procurando demonstrar os inconvenientes da medida que este governo vai tomar em relação a um dos mais importantes serviços públicos que devem, como já vimos, para produzir os melhores resultados e cumprir devidamente a missão que lhes está designada, possuir a sua administração autónoma, dentro duma abalada e proficiente orientação técnica, para que o seu progresso se reflita continuamente no desenvolvimento económico e social do povo.

Mas, à sua volta, formou-se uma tão complicada rede de insinuações e manobras tendentes à prática do arrendamento que, num momento apropriado, conseguiram os seus extenuados defensores levá-lo à realidade.

Que bela administração! Ludibriam o Estado, locupletam-se com o que lhe pertence, desviam inteligentemente o que é destinado ao pessoal e nesta altura recebem de toda a gente as manifestações de simpatia e reconhecimento pela sua grande e admirável administração.

Mas de que gente? Ora... da que tem interesses directos ou indirectos com essas empresas.

Chegamos a esta conclusão: o Estado está nesta contingência—ou desaparece para que um novo sistema o substitua, onde os caminhos de ferro e todas as restantes indústrias sejam serviços de utilidade pública, ou entrega a gerência das indústrias e fica por cima a guardá-las, não vá o domínio do povo um dia modificar esta bonita situação. Em resumo: as empresas com a pólvora que o Estado lhes entrega para a fazerem uso em circunstâncias especiais de defesa, aplicam-na contra o próprio Estado e ainda por cima recebem o seu reconhecimento!

Está aqui a nosso lado alguém a perguntar-nos: Mas, então, Estado e empresas particulares, não será tudo a mesma coisa? Realmente nós estávamos agora a brincar com os leitores.

Analisemos as pretensas justificações: o Estado é mau, é mesmo um péssimo administrador. Já o sabemos como sabemos que a administração das empresas é feita à custa da exploração que exercem sobre o seu pessoal e do que se locupletam ao Estado. Haja em vista o que se passou quando dos aumentos das tarifas—percentagens sobre as mesmas—Os ferroviários ficavam quase sempre na mesma situação de miséria e as Companhias podiam dar largas aos melhoramentos internos: renovavam material, linhas, embelezaram edifícios, etc., elevando por esta forma o seu valor social.

Se neste momento fossemos investigar profundamente como podem concorrer ao arrendamento determinadas empresas, talvez encontrásemos justificação no caso apontado, pois que embolsando o que deveriam ter entregue ao Estado, ou seja a diferença das despesas autorizadas sob determinados títulos às receitas provenientes das referidas percentagens, viram essas empresas progredir a sua situação, situação por vezes precária, talvez pelo mesmo motivo agora atribuído às do Estado.

A má administração do Estado! Isso é uma coisa antiga a que ninguém de juízo liga importância. Mas os homens das empresas são os mesmos; seguem os mesmos princípios e têm idênticos critérios. Ah! Já percebemos. O que é necessário é oprimir mais os ferroviários, colocá-los em igualdade de circunstâncias, em situações vexatórias. E para isso com que se conta? Ora, com que se deve contar? Com as facilidades, apoio e ajudas que o Estado proporciona. E sempre o Estado, o maldito.

Contudo e de quando em vez os ferroviários do Estado são elogiados pelos seus serviços... Tudo isto é extraordinário, dirão os leitores. Extraordinário, incoerente e revoltante, diremos nós.

Numa palavra, os prejudicados: especialmente ferroviários; em segundo lugar o público que, pagando para tudo isto, não sabe como estas coisas se engendram...

Selos Marquês de Pombal

Em algumas colónias foi fixado o período de 5 a 15 de Maio, de todos os anos, para a aposição dos selos Marquês de Pombal, até ao seu esgotamento.

O CARACTER DO SINDICALISMO

Recapitulando e refutando

Não quer o meu respeitável contraditor aperceber-se, ou finje não compreender, que eu estou colocado no campo em que se afirma e se reconhece que o sindicalismo se basta a si próprio, em relação às correntes políticas e filosóficas, consideradas doutrinarmente, que se lhe queiram impor como centro informativo de toda a acção sindical.

Sendo evidente a divergência das opiniões que apresento, sobre este ponto fundamental, das que defende o meu antagonista, pois considera que o sindicalismo só é revolucionário sob a ideologia anarquista, sucede que ele se não pode apresentar neste pleito como sindicalista revolucionário, visto negar precisamente o conceito que como tal o caracteriza—não sob o ponto de vista da sua dinâmica que é a luta de classe—mas da sua própria filosofia.

E como o meu opositor, muito senhor de si, diz que o indivíduo que entra para o sindicato revolucionário, porque se sobrepõe ao Estado e luta contra o patrão, faz anarquismo, embora disso se não aperceba, e como esse anarquismo tem que considerar-se forçosamente revolucionário, abstrai-da, para o sindicato, a qualidade inicial de anarquista, chega-se logicamente a esta conclusão: Que não é a ideologia anarquista que determina a acção revolucionária mas sim a acção revolucionária que gera o princípio anarquista.

Isto quer dizer simplesmente: Que o anarquismo não é o factor inicial do movimento sindical revolucionário, mas antes este movimento é que conduz à consciência do libertarismo a que com mais propriedade se deve chamar a *consciência socialista*. Nesta ordem, da sequência das coisas, estou perfeitamente de acordo. O contrário é inverter a ordem dos factores, e é precisamente o que faz o meu estimável crítico, que parte dum princípio absolutamente oposto e que consiste em tomar o efeito por causa.

Para ele não é o indivíduo que produz a ideia, pela natural evolução a que está sujeito, mercê dos factores que o determinam ou que o impelem, mas a ideia que produz o indivíduo. É como que aceitar o princípio divino, admitindo o dogmatismo inamovível da Igreja. Para um espírito anarquista que deve integrar o Homem nas leis naturais de evolução, considerando o progresso humano a consequência da luta interminável pela existência, em vez de a atribuir à inspiração do Verbo, ao juízo de Deus, aquela concepção, aquele raciocínio, é na verdade muito infeliz e caricato.

Que pavor! E eu a pensar que estava a discutir com um anarquista! Mas não percam tempo, porque é inútil vamos ao que é mais aparente, aquilo que são apenas palavras às quais se está a atribuir toda a importância, sinal evidente de que falta a suclicência.

O meu adversário (de ideias já se vê) tem fugido a discutir doutrina e faz apenas afirmações de fórmulas e vocabulários, o que equivale a dizer que discute subjectivamente; mas eu, que não fujo e aceito a contradição com qualquer carácter, mesmo neste terreno, quero refutá-lo, o que é tanto mais curioso quanto é certo que é ele quem diz que *se uma vez ou outra tentamos rebater com argumentos as suas opiniões não o fazemos no mesmo terreno em que pôs a questão ou a adulteramos*. Tem graça!

Ele diz, dispondo as suas afirmações por alíneas para lhe imprimir, no efeito gráfico, um cunho mais seguro e mais concreto:

a) A unidade não é possível ou tem vida efémera. Como ele diz que a unidade é a ligação transitória dos organismos para fins de objectivo comum, sendo por conseguinte um pacto de entendimento livre,—no que está de acordo um outro camarada nosso que, nestes artigos, ao seu lado disse *amen*—ao passo que a unidade tem um carácter centralista, uniforme, subordinando toda a acção ao mesmo pensamento, o que em si dizer é autoridade, e quanto a mim disciplina sindical—já o expliquei—daqui se infere que é precisamente a *unidade* que tem vida mais efémera por ser a expressão declarada duma ligação passageira que depende dum detalhe ocasional, dum momento, dum acordo, dum objectivo observado pela sua consequência imediata e não pela consciência e pelo valor solidário que o facto representa em relação à luta contínua contra o patronato.

Nesta ordem de ideias, como a C. G. T. representa a ligação nacional de todos os sindicatos... que aceitam a luta de classe (mada de confusões), ele limita a vida da C. G. T. e a sua própria constituição ao momento passageiro da união dos organismos para determinado fim, obtido a qual todos vão alegres e contentes para suas casas.

Em vez de considerar a C. G. T. um organismo efectivo, permanente e duradouro, que coordene e harmonize as funções e energias de toda a classe trabalhadora do país, no sentido do bem geral, do ideal comum, está a tomá-la como uma comissão executiva derivada duma *entente*, duma ligação momentânea, entre sindicatos, feita com qualquer intuito e sem carácter de continuidade e disciplina, que se traduz por uma reciprocidade de deveres.

Ora como o princípio moral constitutivo e impulsionador da C. G. T. é perfeitamente o mesmo que o do sindicato, admitida a variabilidade da sua existência na razão directa dos factos circunstanciais de união, no próprio sindicato teria que observar-se o mesmo fenómeno constituindo-se e desagregando-se tantas vezes quantas fossem os motivos da união em que os componentes da classe livre e espontaneamente estivessem de acordo.

Deste modo tem razão o meu contestador. Dou a mão à palmatória e muito à pura verdade declaro que os sindicatos e logo o sindicalismo são anarquistas.

Quanto ao segundo ponto: b) que a unidade não é união; já se disse porque neste debate se não devia fazer questão do termo.

O que se pretende é a ligação da classe operária, de modo a torná-la mais forte e aguerida, num plano de combate, homogéneo e uniforme, de modo a torná-la mais

TEATRO SALÃO FOZ
Matinée às 3 da tarde—Soirée às 8,45
ULTIMOS ESPECTACULOS
da grande companhia de bailarinos russos
SASCHA MORGOWA
2.ª apresentação do quadro de grande espectáculo
JAZZ! JAZZ! JAZZ!
que ontem alcançou um grande êxito
Quadros plásticos—Nú artístico
CONCERTO pela FOZ MELODY BAND
No decorrer: "Fuga da noiva"—5 partes
PREÇOS POPULARES

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES
às 20,30 e 22,30
COM A COMÉDIA
O INFERNO

Teatro da Trindade
TELEF. T. 076
Companhia Lucília Simões-Erco Braga
HOJE, às 9 1/4 da noite, em ponto
A representação da peça
em 3 actos de Bernstein
A RAJADA

cientista e consciente da sua força e do seu valor, pela solidariedade e pela confiança mútua, o que só se consegue pela acção comum de toda a organização e não pela acção particular do indivíduo isolado. Isto que é absoluta e urgentemente indispensável para a vitória do proletariado (que não quer de modo algum fazer regressar os burgueses à situação de explorados do quarto estado), tem ainda a vantagem, importante e essencial, de pôr as arestas do corporativismo estreito e fechado de que algumas classes, infelizmente, ainda enfermam.

Todavia como o crítico em causa faz mais questão de termo que de facto, no que respeita aos sinónimos unidade e união, diz-lhe hei que unidade não é a mesma coisa que união, encarado aquele como termo matemático, de resto, Cândido de Figueiredo, que nos deve merecer incontestável crédito, dá-lhes, além d'outras, as seguintes definições:

União—Junção, adesão, contacto, aliança, etc.
Unidade—União (precisamente o mesmo significado). Reunido de seres individuais considerados nas suas relações recíprocas ou caracteres comuns. Acção colectiva tendente a um fim único—uniformidade. Unidade táctica—corpo de soldados destinados a manobrar juntos nas circunstâncias em que os outros corpos manobram também juntamente.

São estas precisamente as definições que nos convém para sintetizar com precisão os nossos desejos na tão falada questão da unidade.

Desejamos unidade táctica, unidade de acção. Aplicado assim o termo, evidentemente que não tem o valor de união, visto que se não pode dizer—união táctica, ou união de acção. De resto, isolados, têm idêntico valor como sinónimos de aliança e de acção conjunta.

Gonçalves VIDAL

Corrigenda.—No artigo anterior, no período em que se trata do capitalismo e luta de classe, lê-se: «a génese sindicalista etc.», devendo ler-se: «a génese socialista».

Notas várias da Lisboa triste

Colhido por uma lingada

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, António Pires, de 31 anos, natural de Abrantes, marítimo, residente na rua São João da Mata, 75, loja, que, a bordo dum vapor inglês fundeou em Santa Apolónia, foi colhido por uma lingada ficando contuso nas costas.

Uma agressão

No Banco do Hospital de São José, foram pensados e recolheram a casa, Diogo Pinto Cardoso Rego, de 37 anos, natural de Santarém, funcionário público, Alto do Miradouro, em Queluz, que foi agredido no Rossio, ficando ferido na cabeça.

Sem assistência médica

Na Morgue deu entrada o cadáver de Maria Rosa Correia, de 82 anos, que faleceu sem assistência na sua residência, rua de Artilleria 1, 55, r/c.

ACHADOS

Encontram-se no nosso jornal, à disposição de quem provar pertencer-lhe, uma malinha de senhora contendo dinheiro, que foi achada na calçada de Combro, e duas chaves pequenas encontradas no Salão de Festas da Construção Civil.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Um porteiro insolente

Já não é a primeira vez que alguns dos doentes que vão às consultas externas do hospital de São José se nos queixam do procedimento incorrecto do porteiro Amal para com as pessoas que vão àquele estabelecimento.

Ontem foi o operário bagageiro João de Araújo que veio a esta redacção protestar contra a atitude daquele porteiro, a quem acusa de lhe ter impedido a entrada no hospital depois de lhe ter consentido que viesse a um estabelecimento comprar tabaco, enquanto não chegava a vez na consulta de doenças de pele do dr. Alvaro Lapa, onde está inscrito.

João de Araújo disse-nos que são testemunhas desta casuística do porteiro Amal o guarda republicano 150 do 1.º batalhão e o civico 1428, da esquadra da Mouraria.

TIVOLI
(às 21 horas)
O último correio
Comédia dramática americana em seis partes com MONTE BLUE, VERA REYNOLDS e WILLARD LOUIS

PORTUGAL NA CALIFORNIA
Exibição completa deste interessante documentário da obra dos portugueses na América (seis partes)
REVISTA CINEMATOGRAFICA
UMA CINE-FARÇA

As águas
A Câmara Municipal rompeu as relações com a Companhia das Águas

Noutro lugar, a propósito de uma afirmação do sr. Carlos Pereira na Associação Comercial, dizemos que a Câmara Municipal de Lisboa por não lhe copiar o contrato com a Companhia das Águas resolveu rescindi-lo.

Porém, ao abrigo da letra do contrato, para se fazer a rescisão era mister cumprir várias formalidades. A Companhia, para protelar a questão, tem procedido de forma incorrecta, o que levou o presidente da Câmara Municipal a dirigir-lhe o seguinte ofício:

«Apenas como mero incidente provocado por essa Companhia na sua notificação judicial, foi a Câmara da minha presidência, levada a referir-se no ofício 3.100, ao assunto dos débitos por essa Companhia reclamados, e da qual tornavam dependente a nomeação de delegado seu, que previamente, com outro nomeado pela Câmara, procedesse à avaliação das obras referidas na cláusula 5.ª do contrato de 1898. No referido ofício, declarou a Câmara que a sua contestação não é sobre o montante pedido, pelo que ela tem de ser ponderada e apreciada devidamente, e assim se reserva para de momento próprio, e onde haja de ter lugar a discussão deste assunto, tratá-lo. A pesar-disso, essa Companhia, num extenso ofício, quasi exclusivamente insiste em desejo de protelar e confundir, afastando-se do assunto que neste momento exclusivamente interessa à Câmara, qual é o da remissão, que pretende efectuar dentro do menor tempo possível. Tais circunstâncias conforme a parte final do requerimento da notificação feita a essa Companhia, tal demora e injustificada insistência, quando para a remissão tem de se ter em vista o que dispõe as bases 5.ª do contrato de 1898 e 17.ª do contrato de 1857, importam a Câmara entender que, tendo decorrido o prazo marcado na notificação sem que V. Ex.ª e seu delegado, tal atitude importa recusa formal à remissão por meios suávorios, pelo que, desde esta data, põe inteiramente de parte quaisquer negociações para esse efeito, o que comunica a essa Companhia pelo presente ofício.»

Terminar o espectáculo. Soavam as últimas palmas. A Companhia assenhoriara-se mais uma vez do público de Lisboa. Mais uma conquista do seu talento.

Daquele, por diante, a empresa do Ginásio bem pode pensar na maneira de dilatar os lugares, para que toda a gente lá possa caber.

DESPORTOS

Taga Luciano Fernandes

Tiveram os seguintes resultados os desaios do dia 9: Santana A venceu Monte Pradense por 5-0; Santana B venceu Mascote por 2-0; Sport Lisboa e Campolide B empatou com Sporting Club de Campolide por 2-2.

Desaios para domingo 10: Sport Lisboa e Sol contra Sete Moínhas às 9 horas; Campolide A contra Monte Pradense às 11; Santana A contra Santana B às 13.

17 agentes de policia castigados e expulsos por actos imorais!

A Ordem da Polícia inseriu uma parte do Conselho Disciplinar em que, a pedido do sr. director da Polícia Administrativa, se dá a conhecer a expulsão dos agentes José Hipólito Rodrigues Monteiro, por ter recebido dinheiro de várias pessoas com o pretexto de lhes tratar de questões pendentes nas repartições policiaes; António Pedro da Costa, Frederico Augusto de Aguiar e Silva e Vitorino Prego, por terem recebido, por várias vezes, dinheiro de «chaufeurs», com o fim de os não multarem, deixando passar impunes suas flagrantes transgressões de posturas sobre trânsito.

Refere a aludida parte que, como argüidos da mesma falta, estão suspensos por cinco dias os agentes Eugénio Pais dos Santos e Manuel Joaquim Alves; por 10 dias os agentes Manuel da Silva Diogo, João Baptista Fernandes Casão, João Faustino, António Rodrigues Baptista e Vergílio Pinto; por 30 dias, os agentes Adolfo Torquato, António de Oliveira, José Santos, Clemente António das Neves e Joaquim da Silva; e por 60 dias, o agente António Moreira Júnior.

MUSICA

O 2.º concerto Fão

É uma maravilha musical o brilhantíssimo programa do 2.º concerto Fão que, depois de amanhã, no teatro do Ginásio, executará em matinee a esplendida Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigida pelo illustre maestro Fernandes Fão. Esse programa magistral consta das seguintes composições:

1.ª parte — «Parsifal», No jardim encantado de Klingsof, Wagner; Juvenis, Poema Sinfónico (a pedido), V. de Sabata.
2.ª parte — «6.ª Sinfonia» (patética) «Tchaikowsky»; a) Adagio allegro non troppo andante; Allegro vivo; b) Allegro con grazia; c) Allegro molto vivace; d) Adagio lamentoso.
3.ª parte — «A filha de Neve», suite (extraída da ópera) Rimsky-Korsakow, (1.ª audição em Portugal); I—Introduction; Le beau printemps; II—La danse des oiseaux; III—Le cortège du roi; IV—La danse des bouffons; «Tanhauser», abertura, Wagner.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Nacional

A peça de Ramada Curto, «Justiça»

Ramada Curto, cujo afastamento, pelo menos aparente, da vida politica, não nos cansamos de bendizer, lançou agora no meio teatral mais uma obra. Ainda no Ginásio se mantém «O caso do dia» com assinalado êxito e já uma nova peça se representa no palco do Nacional. A «Justiça...» é uma obra de vigorosa intensidade, com diálogos traçados com uma grande elegância literária, com pormenores que só um dramaturgo de pulso pode trabalhar com proficiência. É esta peça a melhor de Ramada Curto. Honra o seu autor. Afirma-se o observador, mais saliente-se, destaca-se também, o homem de letras distinto que ele é. As situações não são forçadas. Um belo poder de síntese as caracteriza. As personagens são tratadas com grave perspectiva e os factos surgem com uma verdade flagrante, duma eloquência admirável. Ramada Curto conquista desde este momento um dos melhores lugares da nossa literatura dramática.

Para tal peça só um desempenho homogéneo, seguro, equilibrado. Tal conseguiu a companhia do Nacional em que Alves da Cunha dá a sua direcção, de mãos dadas com esse encenador e director artístico notável que é Araújo Pereira. Todos muito bem, sem uma hesitação, desde a grande figura que é Alves da Cunha, até aos de menor valia dramática. Berta de Bivar, Ribeiro Lopes, Branca Riquetti, muito bem, muito à vontade. Eis tudo.

Nogueira de BRITO

No Ginásio

Reparação de Conchita Ullia

Conchita Ullia a graciosa cancionista que toda Lisboa conhece e aprecia, depois de uns anos de «relaxe», reaparece agora, no palco do Ginásio, contratada pela companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro. Noite festiva, sorrisos de satisfação na selecta assistência, ansiedade em toda a gente. Em fin de festa, como se diz agora, Conchita Ullia faz a sua reparação. Mais do que a tradição do seu valor, a sua autêntica arte domina o público, os aplausos sucedem-se. A ternura lina de Conchita Ullia perpassa nas suas lindas canções, o ritmo da sua voz embala os que a ouvem, a doçura da sua fina dicção penetra de sentimento os que a ouvem.

Conchita é a mesma, diz-me alguém que se senta a meu lado. Efectivamente não perdeu uma só das suas qualidades, desde a distinção do seu porte, até à intenção das suas interpretações.

Terminar o espectáculo. Soavam as últimas palmas. A Companhia assenhoriara-se mais uma vez do público de Lisboa. Mais uma conquista do seu talento.

Daquele, por diante, a empresa do Ginásio bem pode pensar na maneira de dilatar os lugares, para que toda a gente lá possa caber.

N. de B.

«Mouraria» no Apolo

Dizer que, no Apolo, a companhia Almeida Cruz representa hoje a ópera «Mouraria», é quasi supérfluo: a esplendida peça de Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer, musicada pelo maestro Filipe Duarte, sendo o grande acontecimento teatral desta época é também um modelo no seu género. Repete-se hoje, em duas sessões e, tal como desde o começo da sua já formidável carreira de sucesso e de êxito, pelos mesmos preços reduzidos, ao alcance de todos, sem locações nem outras alcaçavas e impostos habituais.

«O Inferno» no Variedades

Depois do sucesso do «Pinto Calçado», no Variedades, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho e engraçadíssima, das que conservam o público em permanente gargalhada: «O Inferno», três actos de António Paso e Joaquim Abati, tradução de João Soler. «O Inferno», que já em 1917, foi um dos maiores sucessos de Lisboa, trata a seguinte distribuição: Clara, Maria Matos; Plácido, Silvestre Alegria; Eva, Beatriz Belmar; Valeriana, Maria Lagôa; Margarida, Miquelina Rodrigues; Firminia, Maria de Luna; Lúcia, Ruth Marçal; Padre Leão, Henrique Alves; Angelo, António Palma; Dr. Luiz, João Lopes; Morales, Joaquim Miranda; Candido, José Cardoso.

«Conchita Ullia» no Ginásio

«Conchita Ullia» é actualmente a atracção e o êxito do público de Lisboa. Não se fala de outra artista, nem se discute outra coisa que não seja o seu formidável triunfo no Ginásio. Toda a gente anseia por vê-la e ouvi-la, o seu repertório que a critica proclamou como uma maravilha de graça, de sentimento, de ternura, de beleza e de encanto, teve um êxito desigual, as suas «toilettes» produziram a maior sensação pelo seu charme, pela sua elegância e riqueza. «Conchita Ullia», faz hoje a sua 3.ª apresentação perante a sala do Ginásio apletada, como sucedeu ontem e anteontem. Abre este espectáculo sensacional, o mais completo e o mais brilhante da actualidade, vencendo todos os programas pela sua firmeza, a peça de Ramada Curto, «O caso do dia», gloriosa criação da eminente artista Amélia Rey Colaço e soberbo trabalho de Robles Monteiro, Joaquim de Oliveira e Leonor de Eça, que continua em pleno sucesso.

Nova Companhia de Circo

É amanhã que se realiza no Coliseu dos Recreios a estreia da nova Companhia de Circo que traz no seu conjunto as maiores novidades e atracções que se têm apresentado nos principais circos do mundo. Da nova e grande companhia fazem parte: o célebre domador Alezimira que apresentará ferozes hienas com as quais executará os mais surpreendentes trabalhos; Irmãs Schmitten, duas esculturas equilibristas, Miss Weiss que exhibirá um interessantíssimo número de macacos e cães; Troupe Liviers, composta por cinco senhoras, que executarão originaes e valiosos exercícios de equilíbrio sobre uma esfera.

Além daqueles números exibem-se: «A Dama Branca», que executará magníficos trabalhos equestres em alta escala; M.º Coke, que apresentará lindos «poney» musicais; Os 3 Arizonas, notabilíssimos «jongleurs» indianos; Los Mazzonis, belos acrobatas, cujos trabalhos têm sido admiradíssimos; e os afamados «clowns» Tony Grice e Camotti e Felip, cuja graça é inigualável.

No domingo realiza-se a primeira «matinée», tendo entrada gratuita as crianças até aos dez anos.

«Mulher...» no São Carlos

É na começo da próxima semana que se realiza a reabertura de São Carlos, com a

companhia de declamação dirigida pelo actor Clemente Pinto e de que é primeira figura feminina a illustre actriz Palmira Bastos.

Os ensaios da peça de estreia, a interessantíssima comédia de Guirand «Mulher», estão quasi concluídos, devido não só a encenação de António Pinheiro, que é cheia de efeitos muito sugestivos e brilhantes, como também a primorosa e artística montagem da peça produzir uma impressão deveras encantadora. Para «Mulher...» foram pintados quatro lindos cenários pelos distintos scenógrafos Pina e Oliveira, Salvador e Mergulhão.

No desempenho, além de Palmira Bastos e Clemente Pinto, que interpretam os dois principais papeis, entram também Maria Judice da Costa, Fernanda de Sousa, Fernanda Varela, Lila Marques, Henrique de Albuquerque, Tarquinio Vieira e Alves da Costa.

Um novo quadro no Foz

Estreou-se ontem no Foz com grande êxito o quadro «Jazz! Jazz! Jazz!», apresentado pela grande companhia de bailarinos russos e divertimentos que ali está dando os últimos espectáculos.

É um quadro cheio de vida e alegria onde três «jazz-bands» acompanham a Foz Melody Band ao som da qual um grupo de galantes bailarinas deslumbram o público com um originalíssimo bailado.

«Intrigas del tiempo galante», «Os bailes russos» e os «Quadros plasticos» são outras tantas atracções que muito têm sido apreciadas e aplaudidas.

Os espectáculos começam às 15 e 20,45 pelo interessante «film» em 5 partes «Fuga da noiva».

«A Rajada» no Trindade

A Companhia Lucília Simões-Erco Braga cujo prestígio e brilhantismo nada há que seja capaz de diminuir, disfrutando das maiores simpatias do público e das mais arreigadas amizades oferece hoje aos frequentadores do elegante Teatro da Trindade um espectáculo notabilíssimo e de grande sensação. Representa-se pela primeira vez, nesta época, a formidável peça de Bernstein, «A Rajada». Nesta peça no papel de Helena Berschevel tem a grande e eminente actriz Lucília Simões um trabalho estupendo de verdade e de tragédia.

«Sempre Fixe» no Maria Vitória

Mantem-se no simpático teatrinho Maria Vitória, o mais conhecido e popular de Lisboa, o êxito sempre crescente e hilariante da revista «Sempre Fixe» que todas as noites nas duas sessões regista êxito e aplausos com o maior entusiasmo de todos os quadros, stances, números, canções, bailados, maracangas, desfiles, piadas do «compere» Carlos Leal, as rabulas de Alberto Gilra, Alvaro de Almeida e Santos Carvalho, a interessante e sedutora participação no desempenho das artistas Julieta Soares, Zulmira Miranda, Filomena Lima, Alda de Sousa, Maria Brzão e Amélia Martins assim como o bonito grupo de bailarinas e coristas deste teatro.

A «Aida» no Coliseu

Faz hoje as suas despedidas ao público de Lisboa a grande companhia italiana, dando o seu último, definitivo e irreversível espectáculo com a grande e apreciadíssima ópera, de Verdi, «Aida», na qual desempenha o papel de protagonista a distinta soprano Tagide Tavares, estando os restantes papeis a cargo da notável mezzo soprano Antonietta Toini, do distinto tenor Bergamaschi, do célebre baritonista Damiliani e dos grandes baixos Donnaghi e Friggi.

Com este notabilíssimo conjunto artístico a interpretação da grande ópera deve ser magnífica e de molde a acentuar mais ainda, se é possível dos justos créditos de que goza a companhia de ser uma das mais bem organizadas que tem vindo a Lisboa. Aproveitem, portanto, o dia de hoje todos os amantes do belo canto, visto que se lhes proporciona uma autêntica noite de arte.

«Cabaz de Morangos»

Entre as novidades que apresenta actualmente a revista do Eden, merecem referência especial: o quadro «Fora de horas», o «Fado do operário», cantado por Alfredo Henriques, e mais os números das «Ave-Marias», «Camponesa e emigrante» e «A menina do Conservatório». A pesar-dos espectáculos no Eden Teatro findarem às horas marcadas pela autoridade, e da ampliação que teve o «Cabaz de Morangos» com os dois quadros novos, em que se inclui o da «Bala hum», a revista continua exibindo-se com todos os números que a celebraram.

De um carroço

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado, seguindo para casa, José Figueira Gomes, 29 anos, de Lisboa, condutor de carroças, morador na rua Maria Pia, A. L. L., que na avenida da Índia caiu da carroça que guiava, ficando ferido na cabeça.

De um eléctrico

Também no posto acima referido recebeu curativo e recolheu a casa António Silva, 11 anos, vendedor de jornais, rua Bocage, M. M. 7, que caiu de um eléctrico, na rua das Janelas Verdes, ficando ferido na cabeça.

Da janela da residência

No Banco do hospital de São José foi pensada, e seguiu para casa, Celeste da Conceição Gomes, 17 anos, de Arganil, residente na rua João do Outeiro, 16, 1.º, que ali caiu da janela à rua, ficando com várias contusões pelo corpo.

Na via pública

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José deu entrada António Ribeiro, 30 anos, de Lisboa, padreiro, morador na rua de Arroios, 130, 2.º, que caiu na rua do Patrocínio, ficando muito contuso pelo corpo.

Os católicos provocam sublevações no México

MEXICO, 13.—Uma nota oficiosa do presidente da República torna o episcopado católico responsável pelas sublevações no México e declarou que os culpados vão ser excepcionalmente punidos.

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha
HOJE, às 21 horas
1.ª representação da peça de
RAMADA CURTO
JUSTIÇA...
Nos principais papeis:
ALVES DA CUNHA
BERTA BIVAR
ADELINA ABRANCHES

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4306
Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia
alemã
O PÉ DE SALSA
Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brun

Câmara Municipal de Lisboa

Resoluções tomadas na reunião de ontem da comissão administrativa

Voltou a reunir-se ontem a comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, sob a presidência do coronel sr. Vicente Freitas e com a assistência de todos os vogais.

Alargamento da rua de Santa Marta

O sr. Quirino da Fonseca disse que, estando-se a proceder ao alargamento da rua de Santa Marta, junto à igreja pela cedência gratuita da necessária faixa de terreno, mas sendo ainda prejudicado o respectivo alinhamento com a parte da propriedade que confronta com a rua de Santa Marta e travessa do Enviado de Inglaterra, entende que deve ser aprovada a expropriação dessa propriedade no todo ou em parte, conforme se tornar mais conveniente aos interesses municipais, e organizado o respectivo processo a fim de se ajuizar dessa circunstância.

Demolição de prédios na rua Gomes Freire

O mesmo vereador propôs que seja resolvida a demolição das propriedades arruinadas que pertencem à Câmara existentes na parte mais estreita da rua Gomes Freire, para o efeito de se iniciar o alargamento dessa rua.

Matadouros clandestinos

O sr. Filipe Caiola, falando sobre os matadouros clandestinos, propôs que sejam encerrados imediatamente os talhos onde se faz apreensão carne ou quaisquer outros produtos provenientes de rezes abatidas clandestinamente, e que aos proprietários dos referidos talhos sejam cassadas as licenças para o exercício de vendas de carnes ou produtos com elas manufacturados.

Pessoal dos Matadouros

O sr. Caiola apresentou ainda a seguinte proposta que obteve aprovação unânime: «Que aos operários e jornaleiros doentes dos Matadouros Municipais de Lisboa se abone a subvenção por inteiro e 50 % do ordenado durante os 6 primeiros meses de doença, findo os quais se aplique a redução de 15 % na subvenção. Que aos referidos operários e jornaleiros, quando doentes, não seja abonada a gratificação de serviço.»

Empregados inabilitados

O sr. dr. Veiga e Sousa propôs que aos empregados municipais inabilitados e sem direito a aposentação ou reforma sejam abonados em harmonia com a tabela seguinte: até 5 anos incompletos de serviço, 25 0/0 do vencimento de categoria e melhoria correspondente; de 5 a 10, 30 0/0; de 10 a 15, 40 0/0; de 15 a 20, 50 0/0; de 20 a 25, 60 0/0; de 25 a 30, 70 0/0; de 30 a 35, 80 0/0; de 35 a 40, 90 0/0 e de mais de 40 anos, 100 0/0.

Não será contado como serviço o tempo em que estiverem em serviço moderado ou doentes por mais de 15 dias.

Se a inabilidade fôr devido a tuberculose ou cegueira ou inabilitado receberá como se tivesse mais 15 anos de serviço. Aos assalariados com mais de 35 anos de serviço será aplicada a tabela respeitante aos empregados com mais desse tempo de serviço.

Esta proposta foi aprovada.

O «ARGUS»

O avião Argus, que ontem era esperado no campo de Alverca, por motivo do nevoeiro ficou ainda em território espanhol onde se encontra desde há dias.

Espera-se que o avião chegue hoje de manhã ao campo internacional de Alverca.

OS QUE MORREM

Júlio de Abreu e Sousa

No Asilo dos Inválidos do Trabalho faleceu ontem o operário correio Júlio de Abreu e Sousa, velho militante da sua classe e fundador da Associação dos Correios de Lisboa.

O falecido, que gozava de geral simpatia entre todos os seus amigos e camaradas, foi um dedicado propagandista dos ideais de solidariedade, estremo defensor de todas as reivindicações do operariado e, não podendo já trabalhar, resultado da sua avançada idade, tinha recolhido ao asilo onde faleceu.

O funeral realiza-se hoje, pelas 11 horas da manhã, saindo do Asilo dos Inválidos do Trabalho para o cemitério dos Prazeres.

A Associação dos Correios convida todos os operários correios a incorporarem-se no funeral do antigo militante da classe, Júlio de Abreu e Sousa, que se realiza hoje, pelas 11 horas da manhã, para o cemitério Ocidental.

César Simonetti

Faleceu o camarada César Simonetti, litógrafo, cujo funeral se realiza hoje, às 14,30 horas, da rua do Povo dos Negros, 171, 3.º, para o cemitério da Ajuda.

A Associação de Classe dos Litógrafos e Anexos convida a classe a incorporar-se no préstito fúnebre.

Teatro Apolo
Telef. 3019 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espietosa ópera
MOURARIA
em 3 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Lauer, musicada pelo maestro Filipe Duarte.
Protagonista:
Adelina Fernandes
PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fautuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Geral, 2\$00

TEATRO MARIA VITÓRIA
Telef. N. 3644
Grande Companhia de revistas
Hoje — às 8 1/2 e 10 1/2 — Hoje
A revista de grande êxito
Sempre fixe!

Números de maior sucesso!
Piadas da maior oportunidade...
2--horas de gargalhada--2

AVISO

A bilheteira abre às 13 horas. Venda de dia sem aumento de preço. A 2.ª sessão termina à meia noite e 1/2 h. em ponto.

FIGUEIRA DA FOZ

ESPECULAÇÃO RELIGIOSA

FIGUEIRA DA FOZ, 11.—Vimos de assistir a uma parádia reaccionária, em que avulta a inconsciência duma classe de escravos, que no mar se esfalma e se matam prematuramente. Foi uma festa de igreja, organizada pelos carolas e seus acólitos, da vizinha povoação da Gala. Foi uma entrada autêntica, cheia de ridículo, mesclada de estupidez.

E revoltava, ver então as inocentes crianças, caracterizadas horrendamente, e trazendo diversos hábitos de frades e santos, e mais escumalha, que na casa de Lolita têm assento soberano.

Toda aquela palhaçada teve por fim obsecrar, ainda mais, o espírito daquela pobre gente, que, labutando noite e dia, não esquece o quinhão para o padre. E

MARCO POSTAL

Geme, José A. Correia de Sousa. — Recebemos 2000, que pagou a assinatura até 8 de corrente. Não tem razão para estar ofendido, conforme mostra no seu bilhete. Comunicamos o seu pedido ao A. Marques. Panoias. — Pessoal do Partido 14. — Recebemos 1500. Assinatura paga até 31 de corrente.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9500
Madrid, cheque		3515
Paris, cheque		578
St. Paulo, cheque		3578,5
Bruxelas, cheque		2571
New-York, cheque		10558
Amsterdã, cheque		7584
Itália, cheque		586
Brasil, cheque		2530
Praga, cheque		558,5
St. Paulo, cheque		5824
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4566

TEATROS

Nacional. — A's 21. — *Justiça*.
Trindade. — A's 21. — *A Rainha*.
São Luís. — A's 21. — *Roma galante*.
Gimnásio. — A's 21. — *O caso do dia*.
Politeama. — A's 21. — *Galunus*.
Avenida. — A's 21. — *O pé de salsa*.
Apolo. — A's 20,30 e 22,30. — *A Mouraria*.
Eden. — A's 20,30 e 22,30. — *Cabaz de Morangos*.
Variedades. — A's 20,30 e 22,30. — *O Inferno*.
Maria Vitória. — 20,30 e 22,30. — *Sempre fide*.
Coliseu. — A's 21. — *Fedora*.
Salão Foz. — A's 15 e 20,30. — *Variedades*.
Joaquim de Almeida. — A's 20,30. — *Animação*.
CINEMAS
Tivoli. — Avenida da Liberdade. — *Olimpia*. — *Matinês e soirées*. — *Salão Central*. — Praça dos Restauradores. — *Chiado Terrace*. — Rua António Maria Cardoso. — *Cinema Condes*. — Avenida da Liberdade. — *Pathé Cinema*. — Rua Francisco Sanches. — *Salão Ideal*. — Rua do Loreto. — *Eden Cinema*. — Rua do Alentejo (Alcântara). — *Cine Paris*. — Rua Ferreira Borges. — *Alhambra*. — Parque Mayer. (Variedades). — *Salão Lisboa*. (Mouraria). — *Cine-Esperança*.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5316, de 1 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 24 de Maio sob o título de *Horário de trabalho*, sendo o seu preço avulso de 250. Aos assinantes que desejarem adquirir quantidades maiores há um abastecimento de 50 por cento em folhetos de 50 folhetos.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki
Como se forja um Mundo Nuevo. 6000
Cuentos de Italia. 6000
La vida de um Homem Inesquecível. 6000
Vladimir Horenko
El Imperio de La Muerte. 6000
Dr. G. Feydoux
La vida tragica de los Trabajadores. 10000
Jean Masestan
La Educación Sexual. 10000
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad. 9000
E. Reclus
La Montaña. 6000
El Arroyo. 6000
Octavio Mirbeau
El Calvario. 6000
P. Kropotkin
La ética, la revolución y el Estado. 6000
Luis Fabry
Crítica revolucionaria. 6000
H. Malatesta
Ideário. 6000
F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov. 9000

PINHÃO

Vende José Capote, Vendas Novas.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horário dos comboios

7.º aditamento ao cartaz-horário D. 181

LINHA DE LESTE

A partir de 15 de corrente o comboio de recovas n.º 2002, que actualmente faz serviço de passageiros de 3.ª classe entre Aveiro e Entroncamento, passa a fazer o mesmo serviço até Setil, sendo a sua marcha desde o Entroncamento a seguinte: Comboio n.º 2002, Recovas, 3.ª classe. Não se efectua às segundas-feiras. Entroncamento, partida, 23-22; Tórras Novas, 23-48; Mato de Miranda, 0-09; Vale de Figueira, 0-35; Santarém, 1-19; Vale de Santarém, 1-37; Sant'Ana, 2-00; Setil, chegada, 2-06.

Desde a mesma data o comboio de mercadorias n.º 2005 fará serviço de passageiros de 3.ª classe entre Setil e Entroncamento, com a marcha a seguir indicada: Comboio n.º 2005, Mercadorias, 3.ª classe. Setil, partida, 13-55; Sant'Ana, 14-23; Vale de Figueira, 16-42; Mato de Miranda, 17-20; Tórras Novas, 18-13; Entroncamento, chegada, 18-22.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1927. — O director geral da Companhia — *Ferreira de Mesquita*.

AVISO AO PÚBLICO

PRAZOS DE TRANSPORTE

A partir de 15 de Janeiro de 1927 e até aviso em contrário, as remessas a transportar nas linhas desta Companhia são aplicadas, no que respeita a prazos de transporte, as seguintes disposições: Em grande velocidade: a) Os transportes fúnebres e remessas de metálico ou valores, criação e animais vivos, gado, leite, carne e carnes frescas, mariscos e pescaria fresca, hortaliças e frutas frescas, legumes verdes, plantas vivas e flores frescas (cortadas), serão transportadas nas condições que normalmente prescreve a Tarifa Geral (seu art. 58.º e § único) para as remessas de grande velocidade. b) Quaisquer outras remessas de grande velocidade não designadas na anterior alínea a) serão transportadas em prazo que não poderá ir além de 24 horas cada fracção individual de 152 quilómetros de distância a percorrer, não se contando neste prazo o dia da expedição nem o da entrega. Em pequena velocidade: As remessas serão transportadas num prazo que não deve exceder 48 horas para a primeira fracção individual de 50 quilómetros, e de 24 horas para cada uma das seguintes fracções de 75 quilómetros não se contando neste prazo o dia da expedição e o da entrega.

O presente anula e substitui o Aviso ao Público A.º 58 de 5 de Março de 1923. Lisboa, 10 de Janeiro de 1927. — O Director Geral da Companhia — *Ferreira de Mesquita*.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhoras. 3000
Sapatos para senhores. 3000
Botas pretas (grande saia). 4000
Botas pretas (saia). 4000
Grande saia de botas pretas. 5000
Botas de couro para homens. 4000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outras.

Ver bem, pois há muita gente que se confunde.

A Social Operaria e a Rua dos Cavaleiros, 18-20, com filial na mesma rua, n.º 45.

SUCATAS


Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucata de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

FATOS


A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas não-malvistas. 500
O sentido em que somos anarquistas. 500
A peste religiosa. 500
A Liberdade. 500
A Internacional (música e letra). 500
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82.



NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS
sem consultar
a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda
Sede em VIEIRA DE LEIRIA
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras.
EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa
Travessa do Fala 56, 9-B
TELEF. N. 3415



Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

MATERIAL E TRACÇÃO — ARMAZENS

Fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação

No dia 23 do corrente, pelas 12,30 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 420 toneladas de óleo mineral escuro para lubrificação.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do Serviço dos Armazéns Gerais da Divisão do Material e Tracção (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rossio.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1927.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Previdência do Ferro-viário do Sul e Sueste

(Estatutos aprovados pelo Decreto n.º 10,558, de 14 de Janeiro de 1925)

SEDE: Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 63

Telefone N.º 4,264, Central

Editos de 30 dias

Pela Comissão administrativa da *Previdência do Ferro-viário do Sul e Sueste* correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no *«Diário do Governo»*, citando todas as pessoas incertas que se julgarem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil novecentos e quarenta e quatro escudos (7.944\$00), valor do auxilio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único, dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 1962, Manuel Gomes Simões, falecido em 27 de Novembro do ano findo, e a cuja quantia se habilitaram Joana Vitoria Simões, Maria Gomes Simões e Maria Gomes Simões, esposa e filhos do falecido.

Lisboa e sede da *Previdência do Ferro-viário do Sul e Sueste*, aos 8 de Janeiro de 1927.

O Secretário da Comissão Administrativa
Vasco Lupi

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. 500
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofredo. 500
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. 1500
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. 1000
A Humanidade, por Taraf Javal. 1500
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. 2000
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zucher. 2000
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série. 2500
O Mitrisimo, pelo prof. Almeida Paiva. 2500
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas. 3000
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. 3500
A Filologia perante a História, por Nobre França. 5000
Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho. 3000
O que é o socialismo, por E. Soisson. 1500
Os direitos do Estado, por A. Levisse. 2500
O corpo humano, por A. Levisse. 2500
Gravidez e parto, pelo Dr. Desvurmeaux. 1500
Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira. 2000
Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira. 1500
O conceito de Tendo e a Criação Moderna, por Alexandre Barbas. 3500

SECÇÃO DE LITURGIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

— Organização Social Sindicalista. 3000
Antonelli. — A Rússia bolchevista. 2500
Cura Merlier. — A razão do padre Dufour. — O socialismo e a próxima revolução (2 volumes). 8000
Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu. 6000
Geo Williams. — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo. 1500
Gustavo Le Bon
As primeiras consequências da guerra. 8000
Ensaios psicológicos da guerra europeia. 8000
Leis psicológicas da evolução dos povos (etc.). 6000
Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção. 5000
Educação e Hereditariedade. 4000
Hamon
A conferência da paz e a sua obra. 5000
As lições da guerra mundial. 8000
O movimento operário da Grã-Bretanha. 5000
Psicologia do socialismo-anarquista. 5000
A crise do Socialismo. 5000
A psicologia do militar profissional. 5000
Henrique Leone. — O Socialismo. 4000
Heliodoro Salgado
O culto da Imaculada. 5000
Jean Grave
A sociedade futura. 5000
O indivíduo e a sociedade. 4000
Joseph L. Ettor. — Unionismo Industrial. 500
Julio Guesse. — A lei dos salários. 500
Justus Ebert. — Os I. W. W. na teoria e na prática. 3000
Kropotkin
Anarquia, sua filosofia e seu ideal. 1500
A Grande Revolução (2 vol.). 10000
A moral anarquista. 500
Os bastiões da Guerra. 300
O Estado e o seu papel histórico. 1500
Lazare. — A Liberdade. 500
N. Lévine. — Os problemas do poder dos Soviets. 1500
O Estado e a Revolução. 4000
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha. 500
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo. 3000
Marx. — O Capital. 5000
Melchior Inchofer. — Monarquia jesuítica. 3000
Nietzsche
Anti-Cristo. 4000
Genealogia da moral. 4000
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural. 300
Georgias. 300
Concepção Anarquista do Socialismo. 3000
A greve dos inquilinos. 1500
Novikov. — A emancipação da mulher. 4000
Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução. 4000
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários. 1500
Sebastião Faure. — Doze provas da inexistência de Deus. 1500
Tomás da Fonseca. — Sermões da Montanha. 2100

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

"IDEÁRIO"

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação — Liberdade — Tática — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade — Autoridade — Ensaio Filosófico — Ideário — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Leituras — Fragmento inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de "A BATALHA".

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6000 e, à cobrança, de 7500.

Pedidos à *Livraria Renascença*, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de *A Batalha*, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que encontra a venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1000 pelo correio, registado, 1050.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Espartaco;
- 3.º — Abolición de la esclavitud;
- 4.º — Abyección y servidumbre;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad ilusoria;
- 11.º — La agonía del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guillotina;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa;
- 15.º — Los primeros tiempos del salariado;
- 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º — Las crueldades de la burguesía republicana;
- 18.º — Los héroes de la Comuna;
- 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º — La República Española y la clase obrera;
- 21.º — La Primera Internacional;
- 22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
- 23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
- 24.º — P. y Morgall confunde a los enemigos del socialismo;
- 25.º — Los precursors del Proletariado moderno;
- 26.º — Crueldades burguesas;
- 27.º — Los mártires de Chicago;
- 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;
- 29.º — El proletariado en América;
- 30.º — Los dictadores mejicanos.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.

A' venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.

Deposito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

O Socialismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

El *Revolución Social y el Socialismo*

Por Arkínoff. Preço 1500.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elemental.	13000
Aritmética práctica.	15000
Diseño linear geométrico.	12000
Elementos de electricidad.	20000
Elementos de física.	12000
Elementos de mecánica.	12000
Elementos de modelación.	12000
Elementos de proyección.	16000
Elementos de química.	12000
Geometría plana y no espacio.	13000
Fabricación de tejidos.	13000

Mecánica

Tornelo e Frezador mecánicos.	15000
Diseño de máquinas.	25000
Material agrícola.	13000
Nomenclatura de calderas e máquinas a vapor.	13000
Problemas de máquinas.	16000

Construção Civil

Acabamentos das construcciones.	16000
Alvenario e Cantaria.	13000
Edificaciones.	13000
Encantamentos e salubridade das habitações.	13000
Materiais de construcción.	20000
Terraplenagens e alcoerces.	13000
Trabalhos de Carpintaria.	16000

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas.	20000
Foguetes.	16000
Formador e estuador.	12000
Fundidor.	13000
Pilagem.	16000
Industria alimentar.	12000
Industria do vidro.	12000

Manuais de officios

Galvanoplastia.	18000
Motors de explosão.	20000
Navegante.	18000
Cimento armado.	25000

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. Dr. ADOLFO LIMA

publicação mensal

Redacção e administração — *Empresa Literaria Fluminense, Limit.* — R. dos Retiros, 125 — LISBOA.

A' venda na administração de *A Batalha*.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Neto — A's 8 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fígado e estômago — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 5 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.
Doenças das mulheres — Dr. Emilio Palma — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Dentes e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora.
Reio X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

ISQUEJEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

A' VENDA A 10.ª SÉRIE

de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

ajudante de campo do general apareceu através do nevoeiro cada vez menos espesso, dirigindo-se a Hoche.

— Cidadão general, disse ele assim que chegou ao pé do seu chefe, as nossas guardas avançadas acabam de encontrar-se com um piquete de cavalaria prussiana. Carregámos sobre eles e aproximámo-nos da vanguarda do inimigo o bastante para que pudéssemos distinguir um considerável corpo de cavalaria.

O vento norte, elevando-se com crescente força, impelia para o sul os seus húmidos vapores. A atmosfera iluminava-se cada vez mais, e em breve S. Just, Hoche e o seu estado maior, colocados num planalto assás elevado, puderam alcançar com a vista todo o teatro da batalha que se ia travar. Em frente, no extremo do horizonte, estendia-se, de noroeste para sueste, o perfil regular das trincheiras ou linhas de Wissembourg, paralelas ao curso do Lauter, pequeno rio que servia de f



ACTUALIDADE SINDICAL

A situação dos reformistas nos países escandinavos e bálticos

Nos países escandinavos os sindicatos giram na primeira fase do seu desenvolvimento. É tão forte a reacção nos novos estados da Letónia, da Lituânia e da Estónia que o movimento operário não tem forças que resistam aos ataques da burguesia e do governo, quer a luta se desenvolva no campo político, quer no campo económico. Em toda a região báltica, um regime primitivo afoga desapidadamente toda a acção que pretenda atingir a emancipação social dos trabalhadores.

Na organização operária verifica-se um atraso considerável. Há partidos que se dizem socialistas, mas colaboram estreitamente com os governos e nada representam para a libertação dos trabalhadores.

Os comunistas estão ao serviço do estado russo, nos sindicatos que ainda são muito débeis. É certo que nas organizações sindicais da Estónia-Letónia existe uma corrente sindicalista produzida por elementos que regressam da América, onde militaram nas organizações sindicais revolucionárias, os quais não conseguiram ainda uma cristalização orgânica.

O movimento operário báltico não oferece, pois, um aspecto brilhante.

Na Escandinávia, o movimento operário é forte e seguro e não se encontram representadas todas as modernas tendências sindicais. Sómente são aderentes à Internacional em Amsterdão os sindicatos reformistas da Suécia. A central sindical reformista da Noruega abandonou aquela Internacional há muitos anos. A central da Dinamarca continuou, mas separou-se, há pouco tempo, uma fracção de 80.000 trabalhadores, resultando disso que tanto a central nacional como a Internacional tiveram um geral enfraquecimento nas forças dinamarquesas.

A Federação Sindical Internacional tem, pelo que se sabe, uns meninos caprichosos que, no norte europeu, não a deixam dormir tranquilamente.

Na Noruega governa há tempos uma confusão indescrevível, que não se dissipa. As responsabilidades recaem todas sobre os partidos políticos que reduzem a força operária a um caso significativo, apenas. Comunistas e sociais democratas, e todos os que entre uns e outros pululam, formam vários partidos e enfraqueceram o movimento sindical. Mostram-se agora cansados de conflitos partidários.

Luta de classes

A estorçada resistência do pessoal da Litografia Nacional do Porto

PORTO, 12. — Com uma abnegação extraordinária, por parte do pessoal da Litografia Nacional e de todos os seus colegas do Norte, tem-se mantido, e continuará a manter, a greve do quadro da Litografia Nacional, na qual tem havido provas duma resistência admirável.

Não obstante todas as artimanhas patronais, no sentido de promover a discórdia e a defeccão entre os grevistas, estes, secundados pelos seus camaradas das demais oficinas, mantêm-se firmes e decididos a proseguir na luta encetada até à consecução do seu «desideratum»: a equiparação dos seus irrisórios salários aos das casas que melhor pagam, nesta cidade.

Ainda não houve oportunidade para negociações devido ao isso se opor a mais absoluta intransigência patronal, tão insolitamente manifestada em todas as suas acções.

As condições para a terminação da greve defendidas pelos litógrafos do Porto são as seguintes: satisfação integral e completa da sua reclamação de salários, entrada e recondução de todo o pessoal aos seus antigos lugares, e expulsão prévia de todos os indivíduos que atraíram o movimento.

Felizmente, aparte um certo número de menores, que entraram como aprendizes, poucos são os homens que se prestaram ao ridículo e triste papel de traidores. Os leitores de A Batalha já conhecem os nomes de alguns, como Eduardo Fernandes «Delite», Damão Fernandes de Sousa (encarregado), um filho deste de nome Armando, um tal Emílio (chapeleiro), Jorge Pacheco (o côco), e o resto são pequenos aprendizes inconscientes que não precisam menção especial.

Dos cinco lartufos acima apontados, apenas os três primeiros conhecem alguma coisa da profissão, sendo os outros, apenas, acólitos das facinoras que estão roubando o pão e o sustento das famílias aos litógrafos em greve pelo bem-estar de toda a classe.

Não reconhecem estes fargantes que todo o homem que trabalha e que exerce uma profissão, tem todo o direito a um salário suficiente para satisfazer os seus encargos e o sustento da sua família?

Pois, outro fim não tem este movimento, senão evitar que quem trabalha na indústria litográfica necessite de se empenhar ou de pedir uma esmola, fora da oficina, como infelizmente tem exemplo disso e se pode provar. Tão deficientes e mínguados eram os seus salários!

Acaso não será legítimo o direito à vida? Não será lícito lutar por uma causa tão justa?

O que não é lícito nem admissível é prejudicar os seus companheiros, quando lutam pelo bem comum, quando pretendem conquistar mais um bocadinho de pão para si e para os seus, quando reclamam uma remuneração mais humana pelo esforço despendido, pelo desempenho das suas funções e pelo seu merecimento.

Mas, há sempre facinoras e arranjistas como os dois primeiros citados, que com premeditação má fé atraíram esta causa fazendo o seu jogo e o dos patrões; aparecem sempre traidores e ignorantes, com os seus acólitos, que aproveitam sempre estas ocasiões para encontrar quem os aceite ao seu serviço.

Mas, ainda há mais: também quasi sempre aparece quem — usando dum pau de dois bicos — pretenda servir a uma parte, sem cair no desgraçado da outra, o que é, inteiramente, impossível e extremamente ridículo.

Todo o homem consciente deve ter, bem

Frederico Adler, secretário da Internacional reformista, esteve em Oslo e permitiu ao partido social-democrático que abandonasse a Internacional socialista, a fim de se dar caminho a uma solução do problema que origina as scissions. Este acto da Internacional, generoso na aparência, foi um diplomático jogo de xadrez em que os amsterdãos não primaram de honestidade.

Os reformistas de Amsterdão procuram agora reconquistar as posições perdidas na Escandinávia e fortalecer aquelas que ainda mantêm. Este objectivo deveria animar a conferência realizada, em Estocolmo, no mês de Dezembro findo.

A central norueguesa várias vezes solicitou o concurso das organizações escandinavas, que deveriam ser, na sua opinião, uma continuidade da Internacional. Esta circunstância foi aproveitada pela Internacional em Amsterdão, que exerceu pressão sobre a central norueguesa de forma a levá-la a sua adesão.

Na conferência sindical escandinava foi aprovada, mas tendo o voto contrário da Noruega e da Finlândia, uma moção preconizando a colaboração escandinava como possível desde que a central norueguesa ingressasse na Internacional em Amsterdão.

As organizações norueguesas e finlandesas ficaram em minoria e, por isso, a primeira terá forçosamente de permanecer aderente em Amsterdão se quiser participar do pacto escandinavo.

Os sindicatos finlandeses são também atingidos pela resolução da conferência, pois não se encontravam aderentes à Internacional reformista, como a nenhuma outra. Por esta razão ficam impedidos de fazer parte de um «comité» que se constituiu para a cooperação sindical entre os países bálticos.

Os factos expostos comprovam, então, que os amsterdãos venceram em toda a linha. As resoluções propostas por noruegueses e finlandeses foram repelidas. A tendência moscovita não tem, portanto, a menor probabilidade de êxito na Escandinávia e no Báltico.

As organizações báltico-escandinavas, aderentes à A. I. T., não assistiram à conferência sindical.

(Recebido por intermédio do Serviço de Imprensa da A. I. T.)

PROPAGANDA SINDICAL

Como artista, com os seus companheiros, fazendo causa comum com eles, e defendendo-lhes as aspirações lúidas e justas; e, nunca, o contrário, como «algum», que, com bastante merecimento artístico, se deslustra e amesquinha — colaborando com os patrões em litígio, para detrimento dos seus colegas em luta pela reclamação mais justa e mais humana que é possível fazer-se: a equiparação dos seus ínfimos salários.

Mas fiquemos entendidos: ou muda de rumo, ou o seu nome virá a público, juntamente com os outros.

Quem não é por nós, é contra nós!... Já, agora, nada impedirá que os litógrafos em luta continuem marchando, inteiramente, a caminho da vitória; triunfando, airoosamente, de todos os seus inimigos e dominando todos os obstáculos e «empecilhos». — E.

PROPAGANDA SINDICAL

Em Cabeção

CABEÇÃO, 12. — Efectuou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical. O primeiro orador, José Pedro Veredas, referiu-se à crise de trabalho que definha os operários, que apenas ganham seus escudos, salário que nem para o pão chega. Fez sentir a necessidade de os trabalhadores se reunirem no seu sindicato, abandonando os lugares perversos. Atacou energicamente a igreja, que fanatiza as mulheres dos trabalhadores, atraindo-as a cerimónias ridículas.

Manuel de Almeida Carvalho disse que os trabalhadores só no sindicato podem adquirir a consciência dos seus direitos. Também atacou a igreja e a taberna, erguendo um sentido protesto contra o fanatismo dominante.

Antonio Pendurado igualmente se insurgiu contra o fanatismo e a indiferença, apontando o caminho que se deve avançar. Com este discurso encerrou-se a sessão, tendo havido entusiasmo. — (C.)

Uma rectificação

VIEIRA DE LEIRIA, 11. — No relato daquela questão de Vieira de Leiria, em que um grupo de indivíduos assaltou o sr. Abílio Quadros, citámos o nome do sr. António dos Santos em vez de António Carvalho, que assim se chama o heróico combatente do mesmo. Devido a má interpretação, escrevemos padre Mateus em vez de Lacerda. Como eram ambos padres, foi natural o engano, muito embora o dr. Mateus nada tenha com o caso. Feita esta rectificação, cremos estarem as cousas em seus termos. — C.

Convengão postal luso-americana

A convenção postal luso-americana para a permutação de encomendas postais com valor declarado entre Portugal e os Estados Unidos da América do Norte, negociada em Itália pelo sr. Adalberto Veiga, funcionário superior dos Correios, já foi aprovada por aquela república e entrará em vigor em 1 de Fevereiro próximo.

A não ser com a Gran-Bretanha, é Portugal o único país que obteve dos Estados Unidos a realização dum acordo desta natureza, porque interessava especialmente o comércio açoreano e a indústria de ourivesaria do norte de Portugal.

Do Comité Pró-Presos por Questões Sociais AO PROLETARIADO DE TODO O PAIS

Este Comité, no cumprimento da sua missão, mais uma vez se vos dirige, apelando para o vosso sentimento de solidariedade, a fim de que no próximo sábado, não esqueçais a situação dos presos, que jazem nas prisões e de suas famílias que sofrem horribes privações, não possuindo pão para os seus filhos.

No momento em que receberdes o vosso reduzido salário, lembrai-vos que existem companheiros vossos que, impossibilitados de auferirem, embora que diminuto, um salário para alimentar os seus, sofrem as torturas do cárcere.

A sua prisão não pode nem deve ser pelos trabalhadores esquecida, porque ela foi originada pelo ódio da burguesia e do Estado, contra aqueles que com dignidade defendem um pouco mais de bem estar para si e para os seus camaradas.

A situação que eles hoje atravessam, todo o trabalhador está sujeito a atravessar, logo que se não deixe explorar.

Espera portanto, este Comité, que todos os trabalhadores contribuam na medida do possível para os presos, tirando quetes nos locais de trabalho e enviando-as ao Comité.

Operário! Cumpre o teu dever de Solidariedade para com os presos!

Lembrai-vos da miséria em que vivem os filhos dos mesmos!

A' opressão do capitalismo deve-se responder com a nossa Solidariedade moral e material.

Assim o espera

O Comité Pró-Presos Sociais.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Um novo núcleo em Viseu

* VISEU, 10. — No sábado último chegou a esta cidade António Inácio Martins, secretário geral da secção federal do norte das Juventudes Sindicalistas, que ao Sindicato da Construção Civil de Viseu vinha realizar uma sessão de propaganda pró-organização do Núcleo das Juventudes Sindicalistas.

Na noite de sábado reuniram-se à volta daquele delegado quasi todos os elementos afectos à organização operária. Trocaram-se impressões, discutiu-se com interesse, aclararam-se pontos de vista. No domingo, pelas 11 horas, principiou a sessão de propaganda na sede do Sindicato da Construção Civil, à qual presidiu Gilberto de Carvalho, que foi secretariado por Bernardino Sousa e Severo de Almeida, actual secretário geral do Sindicato.

Feita a apresentação pelo presidente, António Inácio desenvolveu a sua alocução, começando por historiar as «etapas» várias vencidas pelos produtores. Citou Cristo, a quem chama um revolucionário, do qual deturpam as doutrinas, só para desfastio de uma casta de iníteis, que agora tem o arrojo de o apontar como sacrificado por outros que não os vendilhões, mercadejando vilmente com os seus ensinamentos. Falou da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Revolução de 5 de Outubro em Portugal, que foi uma autêntica burla, e do ultimo da guerra, monstruosa sempre, e da Revolução russa, que parecia ser o início de uma era nova para os párias, e que hoje está «empalmada» por um partido político.

Acabou, pois, por demonstrar o antagonismo entre o trabalho e a ociosidade, a produção e o esbanjamento, o produtor e o inútil, o assalariado e o patrão. Dum lado a opressão, do outro escravos, oprimidos. Impõe-se, portanto, a união de todos os escravos, mas conscientemente unidos e instruídos.

E é fim principal das Juventudes Sindicalistas unir a juventude despreocupada e fútil para de cada moço fazer um militante operário.

Terminou apelando para que todos congregassem os seus esforços a fim de que o Núcleo da Juventude Sindicalista de Viseu renasça, tanto mais que esta cidade tem elementos sindicais de valor incontestável, estudiosos e atentos ao movimento progressivo das massas produtoras. Foi muito aplaudido.

Seguiu-se no uso da palavra Francisco Moreira, da C. Civil, que, a nosso ver, tem sido a alma mater da reorganização do Núcleo. Afirmou-se uma revolução.

Falou da greve dos mineiros de S. Pedro da Cova, da solidariedade dos trabalhadores, do comício de S. Crispin, no Porto. Disse que não há razão para existir a falta de trabalho quando tudo falta à maioria dos humanos, que prontos estão sempre a tudo produzir. O seu Sindicato está de pé e firme sobre um punhado de vontades. Urge que todos os seus colegas nele se congreguem, pois é urgente lançarem-se num movimento activo contra os ataques ao horário de trabalho. Terminou apelando para a constituição do Núcleo.

O presidente apresentou, como membros da comissão reorganizadora das J. S. de Viseu, os camaradas Jerónimo Silva, dos mobiliários; Severo de Almeida, Manuel Viriato, Firmino de Almeida Costa, da C. Civil, que por unanimidade foram aprovados, após o que foi encerrada a sessão no meio de grande animação.

AGREMAÇÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade os 21 Manufactores de Calçado. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, para tratar de assunto urgente.

Grémio Excursionista Civil do Monte. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral.

Junção Humanitária «Amor e Carinho». — No próximo domingo, pelas 13 horas, na sala do Lusitano Club, rua São João da Praça, 81, serão vestidas e calçadas 50 crianças mais necessitadas da freguesia da Sé.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de residências e administração de A. Batalha, casa Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O aniversário do Sindicato dos manufactores de calçado de Lamego

LAMEGO, 12. — Comemorando o 13.º aniversário da sua fundação, realizou-se no Sindicato dos manufactores de calçado uma sessão solene que foi abrilhantada por uma orquestra cuja execução agradou.

Presidiu à sessão o antigo militante Francisco Paradelá, que foi secretariado por Graça e Pereira.

O presidente expoz os objectivos da sessão, verberando o procedimento do operariado lamego e, em especial, a classe dos manufactores de calçado que não compareceu na sua máxima força, como era seu dever.

Expõe em seguida o desleixo e indiferentismo a que foi votada a Associação: pela maioria dos seus componentes, condenando em seguida o futebolismo, o qual traz para o operariado, devido às suas condições físicas, consequências malignas. Afirmou que o operariado deve viver isolado da infame política, pois todos devem saber claramente os resultados da intervenção operária na política.

Terminou com um viva à Associação dos Manufactores de Calçado.

António Fonseca Osório descreveu o que significava a Associação, agrupamento de proletários da mesma classe sem distinções de cor política ou credo religioso ou filosófico, para defesa e conquista dos seus interesses colectivos, não se limitando só a regalias pessoais mas sim aos interesses duma classe ou de todos os trabalhadores do braço ou cérebro, como os seguintes problemas: Horário de trabalho, salários, crises de trabalho, condições de produção, instrução e ilustração mental e moral, etc.

Faz um apelo a todo o operariado para que se sindicalize dentro dos sindicatos recentemente revolucionários.

Findou a sua transcendente leitura, da qual nós damos uma pálida ideia, com vivas à Confederação Geral do Trabalho e ao sindicato.

O presidente, encerrando a sessão, tornou a usar da palavra para dizer que a Associação ia entrar num período de progresso, pedindo a todos os sindicalistas para que frequentem assiduamente o sindicato, para o que estará o salão aberto todos os domingos e segundas-feiras. Dessa frequência algo de útil virá para a classe pois em reuniões futuras se tratará das condições morais, materiais e económicas dos manufactores de calçado.

Relatou que, enquanto a Associação era aguerida e forte pelo auxílio quer moral quer material que os seus componentes lhe prestavam, os patrões tinham recolhido os tentáculos da opressão e que hoje é revoltante ver que muitos camaradas lutam com o desespero e por consequência com a miséria e aqueles que trabalham recebem um irrisório salário, havendo uma disparada diferença de salários.

Afirmou que o operariado devia instruir-se, quer ele quer a família, podendo mesmo haver dentro daquele sindicato uma escola, para os operários melhor conquistarem aquilo que lhes pertence e lutar por uma sociedade mais perfeita e mais harmoniosa, desprezando e atacando a infima sociedade em que vivemos. Narrou o que será uma sociedade anárquica, onde todos viverão felizes, fartos, repletos de amor e concordia.

Nos intervalos dos discursos fez-se ouvir o hino da Associação. — C.

Movimento juvenil

Escola de Militantes e de Educação Mútua

Realizou-se ontem, com grande número de camaradas, a 4.ª aula que este Núcleo levou à prática.

Sobre o tema «A missão das Juventudes Sindicalistas», pronunciaram-se grande número de camaradas, chegando-se a uma conclusão clara e satisfatória, e definindo-se, precisamente, a razão de existência das Juventudes.

O tema da próxima aula é «Definição das diversas tendências existentes no movimento operário e revolucionário» para cuja discussão já estão inscritos alguns jovens.

CONFERÊNCIAS

"Fisiologia do Trabalho"

O dr. João Camoesas realizou ontem, na Secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada na sede do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, a segunda lição do curso «Fisiologia do Trabalho», na qual versou o tema «Bioquímica do Trabalho Humano».

O conferente a exemplo do que fez na lição anterior, principiou por demonstrar que o trabalho externo do organismo é uma excitante essencial da vitalidade que, como o calor animal, é ao mesmo tempo um resultado e uma condição do funcionamento orgânico. Equamente se viu que o efeito útil do ser humano, o seu trabalho externo, resulta duma intensificação da assimilação e da desassimilação que sob a denominação conjunta do metabolismo constituem a base fundamental da vitalidade dos seres vivos. O trabalho humano, designando assim, abreviadamente, a acção externa do homem reduz-se, portanto, no fundo, a uma série de transformações químicas que se passam, sobretudo, na intimidade do tecido muscular. Essas reacções, porém, dentro de certos limites, não são especiais, isto é, próprias do trabalho externo, visto que à sua custa se sustenta também o chamado trabalho interno ou fisiológico do ser humano que, permanentemente, se desenvolve, assegurando a temperatura do corpo, a reparação dos tecidos e a depuração orgânica. A bioquímica do trabalho humano é, por conseguinte, a mesma do trabalho fisiológico, com a qual apresenta apenas diferenças de intensidade, porquanto se trata, em última análise, dum novo aumento das combustões intraorgânicas. De facto toda a actividade dos seres vivos deriva duma troca dupla entre o sangue e os tecidos dum lado e entre o sangue e o meio exterior do outro. Desta acção essencial provem a energia que desenvolve e conserva os organismos e que, convertida em acção mecânica, produz o trabalho do homem.

Enquanto a vida dura, permanentemente, dentro do nosso organismo o sangue circula, os pulmões respiram, as glândulas elaboram e segregam, os nervos conduzem e recolhem estímulos, etc. Esta acção que mesmo durante o mais completo repouso continua a produzir-se, exige meios de sustentação. São os alimentos ingeridos que fornecem esse suporte da actividade pela energia que contêm. Mas não se imagine que as substâncias alimentares fornecem os meios necessários tal como são ingeridas, assim como o carvão ardendo produz calor. Como escreveu o grande Chauveau «não é o que se come actualmente que fornece a energia empregada nos trabalhos fisiológicos do organismo, mas sim o potencial acumulado com o que se come anteriormente».

Com efeito, como é do conhecimento geral, desde a boca aos intestinos os alimentos sofrem sucessivas e variadas transformações físicas e químicas, que não importa agora pormenorizar. Assim os hidratos de carbono, as gorduras e os albuminóides são transformados em substâncias assimiláveis — glicose, ácidos gordos e glicerina, albumina e corpos mais simples. Depois destas numerosas e variadas operações químicas passam do tubo digestivo para o tecido interior, sendo elaborados nos diversos órgãos. E' por consequência dos alimentos que provêm os materiais quer de sustentação quer de reparação, à custa dos quais se sustenta o trabalho fisiológico. A quantidade dos alimentos ingeridos chama-se ração alimentar, a que se destina apenas a manter o trabalho fisiológico, se denomina ração de sustentação. Havendo, portanto, também uma razão de trabalho, portanto, para mais fortes proporções dos alimentos, na medida das exigências orgânicas.

A experiência, prossegue o orador, tem mostrado que um homem adulto em funcionamento normal perde diariamente: Água: 2.500 grs., sendo 1.300 a 1.400 grs. pelas urinas, 600 grs. pelo suor, 400 a 500 grs. pelos pulmões e 100 grs. pelas fezes; Sais minerais: 25 grs. pelas urinas, fezes e suor; Carbone: 280 grs. pelo ar expirado e pelas urinas, e Azoto: 18 grs. pelas urinas.

Em energia isto representa um consumo médio de perto de 2.600 calorias.

E' a razão alimentar que fornece os elementos de compensação destas perdas, levando ao organismo os materiais de reparação e de produção de energia. Os alimentos devem, pois, corresponder à satisfação desta dupla necessidade. As gorduras, os hidratos de carbono, a água e os sais, constituem os elementos das razões alimentares que assim apresentam uma composição mista. Praticamente, a velha classificação de Bruye serve para dar uma ideia do destino deles. Segundo ele, albuminas e gorduras servem para reparar os tecidos e produzir energia, os hidratos de carbono e o oxigénio para produzir só energia e os sais apenas para a reparação dos tecidos. Como quer que seja o carácter distintivo de muitas dessas substâncias é servir para a formação de reservas que o organismo utiliza mais ou menos a prazo. A razão da sustentação deve, pois, ter um carácter misto e corresponder ao consumo médio do organismo em repouso.

Para um adulto em repouso, com o peso médio de 70 quilos, deve conter: Água 2.500 gramas; Sais minerais 40; aproximadamente; Hidratos de carbono 420; Gorduras, 50, e Albuminóides, 70.

As calorias fornecidas por esta razão atingem 2.100.

Conhecida a origem do combustível orgânico e sabido que este sofre uma preparação pelo organismo que em parte o torna idêntico a si mesmo, em parte o converte em substâncias orgânicas de reserva, vejamos como se sustenta o trabalho. O trabalho profissional a que nos reportamos sempre no decurso destas lições, é obtido pelo funcionamento dos músculos voluntários. Estes contraindo-se produzem uma elasticidade própria à custa da qual se exercem todas as acções mecânicas. A contração é mantida pela combustão de glicose que provém das reservas dum corpo descoberto por Cesar Bernard, o Glicogénio, elaborado no fígado e armazenado neste e nos músculos.

A combustão efectua-se com o concurso do oxigénio trazido pelo sangue, por meio da hemoglobina com a qual se combina duma forma instável. Por isso a respiração durante o trabalho se eleva de 500 litros por hora a 1.100 e nos esforços consideráveis a 1.500 e 2.000 litros horários. E' nos glóbulos vermelhos, que representam em superfície 3.000 m.2 e que estão adaptados a esta acção, que existe a hemoglobina. De maneira que a bioquímica do trabalho na parte elaboradora se reduz à produção

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 22 horas, o Comité Confederal.

C. S. T.

A Comissão Administrativa reúne hoje extraordinariamente, às 20 horas prefixas.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação Metalúrgica. — Pelas 20 horas, o Conselho Federal, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar a marcha do conflito com a C. G. T. 2.º Apreciar o relatório financeiro do terceiro trimestre. A esta reunião devem comparecer todos os delegados, em virtude da importância dos assuntos.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20,30 horas, para assunto urgente, todos os militantes da indústria.

Litógrafos. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa, com os delegados de oficinas.

S. U. C. C. — Secção Profissional dos Serventes. — Pelas 20 horas tomam posse os camaradas que foram nomeados para a comissão administrativa.

— Pelas 21 horas, a assembleia geral, para tratar de assuntos de interesse. Pede-se a comparencia do 1.º secretário.

Secção dos Canteiros e Polidores de Mármores. — Pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Apresentação de contas, leitura do parecer da comissão revisora das mesmas e eleição de corpos gerentes para o ano de 1927.

S. U. Metalúrgico. — Reúne, na próxima terça-feira, pelas 20,30 horas, a assembleia geral.

Impressores Tipográficos. — A direcção extraordinariamente para assunto da máxima importância, às 21 horas.

Sindicatos da província

Sindicato dos Operários Mineiros de Aljustrel. — Em assembleia geral foi eleita a nova direcção, ficando assim constituída: Presidente, Manuel Pinto; secretário administrativo, Manuel Patrício; tesoureiro, José da Silva; vogais, Santiago da Silva e António da Palma. Assembleia geral: Presidente, José Eusébio; secretários, Augusto Veteriano Machado e Manuel Batalha. Conselho Fiscal: Diogo Luis, José Luis e Francisco António Pires.

Rurais de Elvas. — Reuniu a assembleia geral deste sindicato para nomeação dos novos corpos gerentes que ficaram assim constituídos: Comissão Administrativa: secretário geral, Manuel Vicente Pedras; 1.º secretário, Mário Américo Fonseca; 2.º secretário, José Capitão. Conselho Fiscal: Francisco Gomes Lobo, Custódio Lobo da Silveira e Félix António Gabriel. Assembleia Geral: Feliz da Conceição e Filipe António. Este sindicato organizou uma escola para crianças e homens, a qual já funciona com regular concorrência, estando também inscritas algumas mulheres. São professores interinos os camaradas Mário Américo Fonseca e Manuel Vicente Pedras. Está também em organização a biblioteca, contando já com muitos exemplares.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa. — Este organismo notifica que recebeu para a biblioteca mais os seguintes livros e folhetos: Pelos camaradas Feliciano Fidalgo, «Afonso XIII desmascarado», «A Ditadura do Proletariado», «Os Bolcheviques e os Soviéticos», «Química Popular», «Jurisprudência», «Poética», «O Padre», «O Cristianismo», «Electricidade», «O Vegetariano», de Teodoro Francisco «Greve de Inquilinos», «Georgicas»; de Paulo O. Júnior, «A Teoria Libertária ou o Anarquismo» e de Luís Costa, «O Amor Livre».

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Avoceta» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e por via Funchal para a Africa Austral, Cap-Town, Elisabeth (ville) e Africa Oriental, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências ordinárias à 1 hora da tarde, recebendo para registar até às 11 horas da manhã.

do glicogénio à custa da glicose proveniente dos alimentos, à sua transformação do novo em glicose e à combustão nos músculos.

Mas a bioquímica do trabalho tem também um aspecto de decomposição, possuindo, como é óbvio, uma face de desassimilação. E' dum lado o anidrido carbónico, cuja assimilação, intoxicaria o organismo. E' removido pelo sangue, combinado ainda com a hemoglobina, uma combinação que se desfaz nos pulmões, onde o troca por oxigénio. Existe ainda o ácido lático, segundo é, geralmente, admitido, o qual é desfeito, isto é, cuja acção tóxica é reduzida pela adrelin, segregada nas cápsulas suprarrenais. E assim a bioquímica do trabalho aparece reduzida a uma dupla acção química de elaboração e decomposição, de assimilação e desassimilação na qual participa o organismo inteiro.

O trabalho humano, quer interno, quer externo, quer fisiológico, quer profissional, que o mesmo dia, realiza-se à custa do metabolismo. Quer dizer, a digestão e a nutrição transformam os alimentos em reservas orgânicas. Destas, o glicogénio é essencialmente destinado à produção de glicose que o sustenta pela combustão, efectuada com o concurso do oxigénio, combinado com a hemoglobina. A mesma substância contida nos glóbulos vermelhos do sangue ao mesmo tempo que cede o oxigénio à combustão que se passa nos músculos, torna o anidrido carbónico que ele produz e transporta-o para os pulmões onde o troca com o meio exterior por oxigénio. Como é geralmente admitido, as cápsulas suprarrenais reduzem o poder tóxico dos outros resíduos da combustão. De maneira que a análise da bioquímica do trabalho mostra que ele se efectua à custa de, metabolismo, da base fundamental da vida sendo, portanto, a expressão desta um esforço, em acção profissional.